

Dr. Anthony J. Tomasino, Dez Mandamentos, Sessão 7, Não Assassine

Este é o Dr. Anthony J. Tomasino e seus ensinamentos sobre os Dez Mandamentos. Esta é a sessão 7, Mandamento 6: Não Matarás.

Passando para o sexto mandamento, não matarás.

Bem, a maioria de nós provavelmente conhece pelo menos o nome de HG Wells, e talvez conheça algumas de suas obras. Algumas de suas histórias se tornaram filmes muito, muito populares, como, por exemplo, A Guerra do Mundo, bem, Máquina do Tempo e Coisas por Vir. A Guerra dos Mundos, é claro, já foi refilmada várias vezes. Mas, para mim, acho que uma das obras mais arrepiantes de HG Wells foi uma de suas histórias, intitulada A Ilha do Dr. Moreau.

E um pouco da história aqui: o que acontece é que um cientista está trabalhando em uma ilha tropical. E o que ele está fazendo é conduzir alguns experimentos bastante ambiciosos. Ele está tentando transformar animais em pessoas.

E suas criações parecem quase humanas. Andam eretas. Falam como pessoas, na maior parte do tempo.

Mas em cada um deles, permanece um pouco da fera de todos eles. Esses animais-homem, como ele os chama, vivem todos juntos em um complexo na ilha. E são governados por seu legislador, que originalmente era uma cabra, que agora se transformou em um legislador, que é uma espécie de figura de Moisés, sabe?

Mas o líder está constantemente lembrando-os sobre esses animais-homens, sobre a vontade de Deus, como lhes foi transmitida pelo Dr. Moreau. E a lei mais importante entre os animais-homens é: não matarás. E se um animal-homem quebrasse essa lei, todos os outros animais-homens se voltariam contra ele e o matariam.

Então, se um animal começasse a voltar a ser besta, o que infelizmente acontecia com frequência, ele também seria morto. E então havia uma espécie de estranha teia de morte, sabe? Mesmo achando que o mais importante era não matar, ao mesmo tempo, eles erradicavam imediatamente qualquer um que violasse qualquer uma de suas outras leis que tivessem a ver com agir como pessoas.

Então, o mais perturbador na história de Wells é que fica claro que ele não estava falando apenas de animais. E ele não estava apenas tentando criar uma história imaginativa. Ele também estava fazendo um comentário sobre a natureza humana.

Agora, o que Wells estava dizendo nessa história, e é meio estranho quando você pensa nisso, é que Wells era conhecido por ser um humanista, por ser alguém que ele não era, ele não era cristão. Ele não era religioso. Ele era um humanista.

E, no entanto, aqui nesta história, o que ele realmente nos diz é que, mesmo que andemos eretos, mesmo que falemos sobre Deus, usemos a linguagem e todo esse tipo de coisa, o que separa os seres humanos dos animais é a lei. As regras que temos que restringem a ferocidade que se esconde dentro de cada um de nós, sabe? Se tivermos uma desculpa e uma oportunidade, todos nós voltaremos aos animais, caçando e matando os nossos.

E, portanto, são as leis que nos mantêm na linha, diz Wells. Mas sem as leis, não passamos de bestas. É uma espécie de avaliação deprimente da condição humana.

Mas você pode dizer que há um pouco de evidência a seu favor, porque se você assiste ao noticiário, sabe que os humanos parecem ter um histórico bastante deplorável no que diz respeito à civilidade uns com os outros. E, no entanto, a Bíblia insiste que os seres humanos não são apenas animais que andam sobre duas pernas e fingem ser algo mais. A Bíblia insiste que somos algo mais, que temos uma natureza divina dentro de nós, que refletimos de alguma forma a imagem de Deus.

E é exatamente por isso que nos foi dado este mandamento: Não matarás . Quanto às origens das regras sobre assassinato, bem , podemos provavelmente remontar historicamente aos primórdios da sociedade e da civilização humanas. Assim que as pessoas começam a viver em grupos, elas precisam decidir quem podem matar e quem não podem.

Então, você pode observar as sociedades mais primitivas do nosso mundo hoje, e elas terão regulamentos sobre quem pode ser morto e quem pode matar quem. O código de leis de Ur-Nammu, Suméria, por volta de 2050 a.C., a primeira lei no código de Ur-Nammu, diz: se um homem cometer assassinato, esse homem será morto. Simples, fácil.

A propósito, quiz surpresa, apodíctico ou casuístico? Casuístico, claro, certo? O código de leis de Hamurabi de 1750 a.C. Não há uma lei específica sobre assassinato, e ainda assim há uma suposição, subjacente a várias outras leis, de que assassinato é um crime capital, que aqueles que assassinam serão condenados à morte. O código de leis da Assíria Média, de 1450 a 1250, não especifica uma pena para assassinato, mas, novamente, parece haver uma suposição de que assassinos serão condenados à morte.

Portanto , uma corrente comum que percorre a sociedade humana, por meio de leis antigas, diz que assassinos merecem ser mortos. Pode haver algumas situações em que se presumiria que matar seria justificável, como alguém, por exemplo, pegando

o último donut. Mas nos códigos de leis do antigo Oriente Próximo, havia certas suposições sobre o que e circunscrições cuidadosas sobre quais circunstâncias poderiam justificar matar.

Uma delas, claro, é a guerra. Se você estiver em uma batalha com outra pessoa, não apenas é esperado, como também incentivado a matar. Execução realizada por autoridades judiciais.

Às vezes, nesses casos, a responsabilidade era deixada para os ofendidos. Aqui entramos em questões relacionadas a coisas como rixas de sangue e assim por diante, onde se alguém matou seu irmão, você tem não apenas o direito, mas a responsabilidade de matar essa pessoa e, assim, vingar seu irmão. Nesse tipo de situação, matar era considerado justificado.

Muitos crimes, além de assassinato, também acarretavam pena de morte. E já vimos isso em alguns dos Dez Mandamentos. Se uma criança for insolente com os pais ou, Deus nos livre, bater neles, ela deve ser condenada à morte.

Em muitos códigos de leis antigos, crimes contra a propriedade também acarretavam pena de morte. Então, bem, sim, roubar dependia, até certo ponto, de quem você roubava. Se você roubasse de um templo, sua vida era perdida .

Se um indigente, uma pessoa de classe baixa , roubasse de uma pessoa de classe alta, provavelmente perderia uma mão. Mas, normalmente, crimes contra a propriedade não eram considerados necessariamente uma infração capital. Vingança por danos pessoais, como se alguém tivesse seduzido sua esposa, de acordo com vários códigos legais, você poderia ordenar que essa pessoa fosse condenada à morte, assim como sua esposa.

Em geral, os códigos de leis antigos tinham uma espécie de equilíbrio aqui. Sabe, se você não pudesse ordenar que sua esposa fosse vendida como escrava e que o homem que cometeu adultério com ela fosse morto. Se você quisesse sua esposa, se sua esposa fosse condenada à morte, essa pessoa seria condenada à morte.

Se a sua esposa tivesse o nariz cortado, eles cortariam o nariz do homem. E havia muita flexibilidade em relação ao adultério. Da forma como foi redigido, geralmente começa dizendo que se a esposa de um homem cometer adultério com um vizinho, ambos morrerão.

Mas se o marido não quiser que ela morra, então há algumas coisas que você pode fazer. Então , em primeiro lugar , e acredito que isso também acontece às vezes nas leis bíblicas. Em primeiro lugar , elas estabelecem o princípio absoluto, mas depois há a expectativa de que exceções sejam feitas.

Vingança de sangue, já mencionei, então não precisamos voltar a isso. Então, há muitas possibilidades aqui. Muitos casos em que matar era considerado justificado.

Portanto, "não, não matarás" não é uma condenação geral de todo ato de matar, obviamente. Por outro lado, esperava-se que os humanos se abstivessem de matar indiscriminadamente seus semelhantes. Havia a suposição de que não se pode simplesmente assassinar pessoas.

E essa suposição nem precisava ser declarada. Não precisava ser argumentada. Não precisava ser articulada.

Havia a suposição de que, em qualquer sociedade bem organizada, não se mata pessoas por aí. Israel, é claro, fazia parte da cultura do antigo Oriente Próximo. Fazia parte de todo aquele mundo em que esses tipos de leis e valores eram a base da sociedade.

E, portanto, podemos esperar alguma semelhança entre Israel e as leis bíblicas, e esses são seus vizinhos. Mas também existem algumas diferenças substanciais. Podemos dizer que os hebreus eram uma espécie de pássaro diferente de alguns de seus antigos vizinhos do Oriente Próximo.

Então, vamos analisar o seguinte: não matarás, ou às vezes, em traduções modernas, não assassinarás. O verbo hebraico aqui é ratzach. Ratzach não é a palavra comum para matar em hebraico.

A palavra comum para matar que todo estudante de hebraico aprende em um paradigma após o outro é katal, o que nos parece mórbido enquanto repassamos e recitamos nossos paradigmas. Katal, et cetera, et cetera. E então pensamos: "Espere um minuto, estamos falando de todas essas pessoas matando".

Essa é a palavra comum para matar. Mas ratzach é uma palavra diferente. Ratzach tem alguns tipos diferentes de conotações.

Em primeiro lugar, o ratzach só serve para matar pessoas. Então, não, o mandamento de não matar não tem absolutamente nada a ver com ser vegetariano. Sério, pessoal, tirem esses outdoors.

Refere-se a atos pessoais de assassinato ou homicídio culposo. Nunca é usado para matar em guerra. Normalmente, a palavra para matar alguém em batalha é "smit them" (atingi-los).

Nunca é usado para atos oficiais de execução. É usado apenas para assassinatos ou, ocasionalmente, homicídios culposos. Então, olhando um pouco além dessas duas palavras aqui, eles, você sabe, lo ratzach, não matam.

Há muito mais que a Bíblia diz sobre isso. E, como sempre, vemos que esses mandamentos são cumpridos mais adiante no Pentateuco e também em livros bíblicos posteriores. Aqui, no livro de Êxodo, capítulo 21, temos uma formulação casuística do mesmo tipo de lei.

Qualquer um que atinja alguém com um golpe fatal deve ser morto. Certo. Rapaz, isso parece Ur Namu, não é? No entanto, se não for feito intencionalmente, mas Deus permitir, a pessoa deve fugir para um lugar que eu designar.

Isto antecipa as cidades de refúgio, que mais tarde serão descritas com mais detalhes. Mas se alguém tramar e matar alguém deliberadamente, essa pessoa deverá ser retirada do meu altar e condenada à morte. Portanto, esta é uma distinção que, é claro, ainda fazemos na lei hoje entre morte intencional e morte acidental.

Morte acidental não era punida porque, sabe, Deus permitiu que acontecesse. Nossa. Teologicamente, isso é difícil de lidar.

E deixaremos isso para os eticistas e teólogos falarem sobre isso. Levítico, não faça nada que coloque em risco a vida do seu próximo. Eu sou o Senhor.

Não odeie o seu próximo no seu coração. Repreenda o seu próximo com franqueza, para que você não seja cúmplice da sua culpa. Não busque vingança nem guarde rancor contra ninguém do seu povo, mas ame o seu próximo como a si mesmo.

Eu sou o Senhor. Então, aqui temos uma formulação mais positiva desse tipo de coisa. Em vez de buscar vingança, em vez de guardar rancor, ame o seu próximo como a si mesmo, como diz o Senhor.

Então, mais um pouco no livro de Números, um pouco mais aqui sobre assassinato. Se alguém ferir alguém fatalmente com um objeto de ferro, essa pessoa é um assassino. A mesma palavra que tínhamos lá nos Dez Mandamentos.

O assassino deverá ser executado. Ou se alguém estiver segurando uma pedra e atingir alguém com ela, causando-lhe um golpe fatal, essa pessoa é um assassino. O assassino deverá ser executado.

Ou se alguém estiver segurando um objeto de madeira e der um golpe fatal em alguém, essa pessoa é um assassino. O assassino deve ser condenado à morte. Presumo que, se você tivesse uma pena muito pesada e atingisse alguém com ela e essa pessoa morresse, você seria um assassino e seria condenado à morte.

O vingador do sangue matará o assassino. Portanto, se alguém matou seu irmão, essa pessoa tem culpa de sangue, você sabe, e você tem a responsabilidade de ser o vingador do sangue. Quando o vingador vier sobre o assassino, o vingador matará o assassino.

Se alguém, com malícia ou premeditação, empurrar outra pessoa ou lhe atirar algo intencionalmente para matá-la, ou se, por inimizade, uma pessoa bater na outra com o punho e matá-la, essa pessoa deverá ser executada. Essa pessoa é um assassino. O vingador do sangue deverá executar o assassino quando ambos se encontrarem.

Uma coisa interessante aqui, claro, alguns pontos interessantes a serem observados aqui é que não há distinção de classe aqui. Sabe, em alguns outros códigos de leis antigos, fazia uma grande diferença quem você matava. Então, se um escravo mata outro escravo, bem, você sabe, você pode ter que reembolsar o escravo pela perda de propriedade.

Se um nobre mata um camponês, bem, talvez você tenha que pagar uma multa, sabe? Mas aqui, simplesmente, se uma pessoa matou outra pessoa, toda vida é considerada de igual valor sob as leis apresentadas aqui. Então essa é uma das coisas interessantes.

Outro ponto interessante aqui é que a comunidade não está sendo chamada a executar o julgamento. Em vez disso, o julgamento está sendo deixado a cargo do vingador do sangue. Sem dúvida, esta é uma situação que já existia aqui, e a lei está regulando as ações que ocorreriam.

Isso é um grande fator por trás de toda essa questão da cidade de refúgio. Já conversamos e mencionamos isso. Sabe, se alguém matasse alguém acidentalmente, de acordo com o Antigo Testamento, se fosse determinado que foi um acidente, essa pessoa poderia fugir para uma cidade onde estivesse, e poderia se refugiar contra o vingador do sangue.

Veja bem, a família sentia que tinha a responsabilidade de vingar, mesmo que fosse um acidente, por causa desse sentimento de culpa pelo sangue. Então, não havia muito perdão naquela época. Não havia muita gente dizendo: "Ah, foi só um acidente".

Sabe, havia uma tendência a pensar que temos a responsabilidade de, bem, vingar nosso parente morto. E então, é claro, isso poderia resultar em ciclos de violência muito, muito longos e perpetuados, e eu acidentalmente mataria o Joe. O irmão do Joe vem e me mata.

Bem, então meu irmão sente que precisa me vingar. Então ele vai e mata um dos irmãos. E aí fica tudo para trás e para frente.

E aí você tem uma rixa acontecendo. E essa rixa de sangue pode continuar até que famílias extensas sejam envolvidas. E você tem os Hatfields e os McCoys, certo, se destruindo.

Então, é por isso que a Bíblia meio que cortou tudo pela raiz ao dizer, antes de tudo, que homicídio culposo não é um crime capital. Se alguém acidentalmente mata alguém, então essa pessoa deve ter permissão para viver. E estabelecer esse sistema com essas cidades de refúgio, onde as pessoas poderiam ir e seriam protegidas.

E estariam protegidos contra a pessoa que busca vingança de sangue. Então, o que consideramos assassinato? Obviamente, privar alguém intencionalmente da vida sem o devido processo legal ou sem sanção social. Malícia e premeditação são aspectos essenciais da definição.

Assassinato é uma questão de atitude. Você está pensando em matar alguém. Você planeja matá-lo, e você o mata.

Claro, também há casos em que pessoas brigam e, de repente, alguém mata outra pessoa. Isso também pode ser considerado assassinato. Mas a Bíblia enfatiza essa noção de malícia e essa noção de planejamento.

Mais uma vez, este é o mesmo tipo de ideia que temos na jurisprudência moderna. Temos homicídio de primeiro grau, que envolve dolo e premeditação, e homicídio de segundo grau, que é algo impulsivo, e assim por diante. E um não é considerado tão grave quanto o outro.

Claro, para a vítima, é igualmente grave, mas para os tribunais, talvez não seja considerado tão grave. Por que não posso matar meu próximo? E se ele merecer? Ao contrário da literatura de outras sociedades antigas do Oriente Próximo, a Bíblia, de fato, nos diz por que não podemos matar nosso irmão ou irmã. No Código de Ur-Nammu, isso é uma suposição.

Não mate outra pessoa. Nos Códigos de Hamurabi, não é permitido matar ninguém, ou pelo menos certas pessoas. No Código de Leis da Assíria Média, a mesma coisa.

Mas por quê? Devemos apenas ser gentis uns com os outros, ou tudo isso se resume à sociedade, à manutenção de uma sociedade justa? Na prática, sim, talvez a manutenção de uma sociedade justa seja uma consideração importante aqui. Mas a Bíblia nos dá uma justificativa diferente para não assassinarmos. E encontramos essa justificativa não nos Dez Mandamentos, mas sim no Livro de Gênesis.

Tudo o que derrama sangue humano. Agora, vou pegar num ponto específico aqui. A primeira palavra aqui é, na maioria das traduções da Bíblia, e talvez até em todas as traduções da Bíblia, porque já li muitas delas, esta palavra é traduzida como "quem quer que seja".

A palavra é asher , que é um pronome relativo. Em hebraico, pode significar uma pessoa ou referir-se a uma pessoa. E, no contexto, o que ele está dizendo é que você, Noé e todos os seres humanos têm permissão para matar e comer o que quiserem.

Mas tudo o que derrama sangue humano, por humanos seu sangue será derramado. Isso se refere a animais matando pessoas. Não se refere a pessoas matando pessoas.

Desculpe, tradutores, façam a lição de casa. Mas por que os animais não matam pessoas? Porque à imagem de Deus, Deus criou os seres humanos. Temos um lugar especial, um papel especial no mundo, na sociedade.

E porque carregamos a imagem de Deus, o assassinato não é permitido. Devemos respeitar a imagem de Deus em nossos irmãos e irmãs. Portanto, o princípio por trás do sexto mandamento, não matarás, é o respeito à imagem de Deus.

Na verdade, é nisso que tudo se resume. Jesus também reconhece isso, e é maravilhoso, creio eu, que Jesus e eu concordemos. Jesus era um cara inteligente.

Então, acho que aprovo o que Jesus disse. Não que ele se importe muito, mas tenho certeza de que ele se importa que eu aprove o que ele disse. Vocês ouviram o que foi dito aos antigos: " Não matarás ", e quem cometer assassinato responderá ao tribunal.

Eu, porém, vos digo que todo aquele que se irar contra seu irmão responderá perante o tribunal. Quem disser a seu irmão: " Você é um inútil", responderá perante o Supremo Tribunal . E quem disser: " Você é um tolo", será culpado e irá para o fogo do inferno.

Certo, eu já conquistei meu lugar no inferno, obviamente, por ter chamado muita gente de tola na minha vida. Algumas coisas para observar aqui. Ao longo do Sermão da Montanha, Jesus usa um recurso literário notável, que é subestimado, mas que notaremos ainda mais no próximo mandamento.

Mas esse recurso literário é o que chamamos de hipérbole. Sabe, Jesus usa exagero para enfatizar um ponto. Sim, Jesus era um cara inteligente e sabia usar figuras de linguagem.

Obviamente, ninguém será levado a julgamento por odiar alguém no fundo do coração. Em primeiro lugar , como alguém saberia que ele odeia alguém no fundo do

coração? A menos que confesse. E ninguém vai para o inferno por chamar o irmão de tolo.

O único pecado que nos leva ao inferno é o pecado de não crer em Jesus Cristo. Então, sim, isso é um exagero. Mas o que nos indica é que Jesus está dizendo que a razão ou a lógica por trás de não matar é a lógica do respeito.

Então, vamos estender um pouco mais a questão. Não odeie ninguém em seu coração. Não se ressinta da sua individualidade ou menospreze a sua individualidade.

Não diga que alguém não vale nada. Não, essa pessoa carrega a imagem de Deus, e você tem que respeitar isso. Você não pode dizer que uma pessoa é raka, que não serve para nada.

Você não chama alguém de tolo. Quer dizer, você pode, bem, quer dizer, nós chamamos. Mas se formos tecnicamente corretos sobre isso, você pode dizer que o que alguém fez é tolo, e o próprio Jesus o faz em algumas ocasiões, sabe?

Mas chamar alguém de tolo é atacar não as suas ações, mas a sua pessoa. E por isso Jesus está dizendo: respeite a imagem de Deus no seu próximo. Não assassiná-lo é um exemplo específico do princípio aqui.

O princípio é respeitar a imagem de Deus. E é isso que Jesus está estendendo aqui e nos deixando saber. Usando, novamente, a hipérbole para reforçar o ponto.

Tirar meu olho? Sério? Bem, sério, sim. Mas, literalmente, não. Isso é um exagero.

Mas isso não significa que não devemos levar isso a sério. Então, a primeira coisa que Jesus nos alerta é: Você está com raiva do seu próximo? Se você está com raiva e sabe disso, bata palmas. Como você lida com a raiva? Obviamente, existem algumas maneiras de lidar com a raiva que são melhores do que outras.

Agora, deixe-me falar um pouco sobre psicologia aqui, eu acho. Mas acho que podemos fazer distinções entre raiva boa, raiva neutra e raiva ruim. Jesus ficava com raiva às vezes.

Sabe, e a Bíblia nos diz: irrite-se, mas não peque. A Bíblia reconhece que a raiva nem sempre é errada. E que, às vezes, a raiva pode ser uma coisa muito boa.

A raiva boa, muitas vezes, é a raiva em nome dos outros, que pode nos estimular a fazer coisas boas que promovam justiça. Sabe, a raiva boa pode motivar coisas como o movimento pelos direitos civis. Jesus, ao expulsar os cambistas do templo, ficou ofendido, não por si mesmo, mas por causa da honra de seu pai que estava sendo manchada.

Quando vemos Jesus se irando nos Evangelhos, geralmente é quando alguém insulta, maltrata ou impõe fardos a outras pessoas. Curiosamente, quando o próprio Jesus foi atacado, ele não reagiu com raiva. Portanto, a raiva positiva é algo motivador e poderoso, e pode ser focada, usada e pode fazer a diferença em nosso mundo.

neutra, eu diria, é apenas a nossa reação natural. Sabe, a raiva é uma parte natural das nossas respostas. Ela está embutida em nós, e às vezes não conseguimos evitá-la.

Sabe, quando ficamos presos num engarrafamento, alguém nos corta. Pode ser natural reagirmos com uma explosão de raiva. E não acho que haja nada de virtuoso nisso.

Tenho que dizer que tem gente que acha virtuoso mostrar o quanto consegue ficar bravo. Sabe, eu fico com tanta raiva o tempo todo. Isso não é bom.

Não, não é mesmo. Sabe, eu tenho pressão alta. A raiva neutra pode ser uma reação natural a essas frustrações diárias.

Não é necessariamente algo bom, mas também não é necessariamente algo ruim. Às vezes, pode nos ajudar a ter reações positivas. Às vezes, nos ajuda a ter reações negativas.

Mas a raiva em si não é boa nem ruim. E a raiva ruim? Pessoalmente, acredito que a raiva ruim é quando estamos com raiva de alguém, e não do que ele fez. Sabe? E isso, eu acredito, é sempre ruim.

Sempre que ficamos com raiva de alguém por ser de uma cor ou religião diferente, ou por ser rico, ou por ser pobre, ou por outras coisas que talvez estejam completamente além do seu controle ou que façam parte de quem ele é em sua essência, isso é raiva ruim, porque é isso que se transforma em ódio. E o ódio é sempre condenado pela Bíblia. Como lemos no livro de Levítico, não odeie o seu próximo em seu coração, mas ame o seu próximo como a si mesmo.

Então, devemos ter cuidado ao chamar alguém de tolo, porque estamos julgando seu caráter, e não suas ações, como eu disse. Claro, você sabe, sabemos que todos nós somos propensos a fazer isso. Eu me lembro de uma vez dirigindo com meu filho de quatro anos no banco de trás do meu carro, e meus filhos às vezes ouviam meus sermões, o que era assustador, porque alguém me cortou, e eu disse: Que idiota! E meu filho de quatro anos disse: Papai, você não quer dizer que o que eles fizeram foi uma coisa meio idiota de se fazer? E sim, sério, quero dizer, precisamos ter cuidado, porque não devemos pintar as pessoas por uma ação, sabe? Não devemos pintar alguém de tolo, porque eles fizeram uma coisa tola, porque qual de nós seria inocente sob esse padrão, certo? Raka, um inútil, certo? Algumas das traduções

realmente usam esta palavra aramaica, raka , porque, você sabe, não é grego, era uma palavra aramaica.

Qualquer um que diga ao seu irmão " raka" , e eles inserem essa palavra aramaica, encontramos isso com bastante frequência no Talmude. Essa palavra é usada extensivamente e era um dos seus insultos favoritos. E Jesus diz: "Não , você não tem o direito de julgar outra pessoa como inútil".

E aqui me lembro das palavras de C.S. Lewis, que nos disse para tratarmos cada pessoa que encontramos como um gigante espiritual em potencial. Sabe, não sabemos quanto potencial pode existir em alguém, mesmo que pareça o pior abandonado neste momento. Deus pode fazer coisas incríveis com qualquer pessoa; por mais distorcida que seja, a imagem divina permanece em cada pessoa, e essa imagem divina merece o nosso respeito.

Não matá-los é o mínimo que fazemos. Jesus nos chamaria para o máximo, que é honrar essa imagem de Deus, cuidar dessa imagem de Deus e tentar elevar a todos e ajudá-los a realizar seu potencial como povo de Deus.